

Devir-nômade na cidade: skate nos anos 90 em Porto Alegre

Diego de Carvalho

Introdução

Este texto é o segundo que escrevi após o fim da minha tese de doutorado (CARVALHO, 2016), que se centra nos movimentos de multidão, pensados a partir da obra de Deleuze e Negri. O primeiro texto trata da minha relação com o rock; este, sobre minha relação com o skate. O rock e o skate fazem parte de minha vida desde os 10 anos de idade. Comecei a ouvir rock na mesma época – ano – em que comecei a andar de skate. O rock surgiu da influência do meu irmão, o skate, devido a minha relação com a cidade. Decidi escrever sobre esses temas – skate e rock – como uma linha de fuga, um escape. Também ajudou na decisão o fato de que como trago em ambos os textos questões pessoais, o estilo deles me impôs a trabalhar com crônica; estilo que domino e que é prazeroso de ser escrito.

Neste texto, portanto, trato do skate na cidade de Porto Alegre nos anos 90. Apresento minha experiência como skatista, que envolve também um saber sobre o esporte, possibilitado por revista e vídeos. O recorte do texto se deve, pois, moro em Porto Alegre desde os 12 anos de idade; quanto à década de 90, ela foi a época em que pratiquei o skate de forma mais intensa. Importante também é o fato de que o skate antes da virada do século ainda se referia a um estilo de vida marginal, principalmente, em Porto Alegre.

Decidi pensar na relação de certa modalidade do skate, o *Street* de rua, a mais marginal, com a cidade. Conclui que essa modalidade ressignifica espaços da cidade, é uma experimentação do tecido urbano. Assim, posso dizer que os skatistas são nômades, melhor, experimentam um nomadismo nas estrias da cidade. Por isso, a base teórica se refere ao trabalho de Deleuze e Guattari sobre nomadismo, geografia, cartografia, entre outros conceitos.

Morei até os 12 anos em uma cidade grande do interior do Rio Grande do Sul. Era grande, mas era segura. Não tinha como hábito andar de ônibus; então, ainda criança percorria toda a cidade a pé. Minha família, em pouco tempo, morou em três bairros diferentes. Portanto, eu me deslocava entre bairros para visitar meus amigos. Isso me afetou

de tal forma que quando vim para Porto Alegre mantive a rotina de percorrer a cidade, mas acrescentando também as viagens de ônibus devido ao tamanho da capital gaúcha. O skate não ajudava na época a me deslocar. Porto Alegre não tinha uma estrutura como a dos dias de hoje, que facilita o uso do skate, *roller* e bicicleta. Aliás, as ciclovias e as longas vias fechadas no fim de semana para o uso recreativo e não de carros, começaram a surgir devido a Copa do Mundo de futebol em 2014.

Me encantei com Porto Alegre por ser uma cidade grande e diferente, um lugar de possíveis novas aventuras. Além disso, havia uma pista enorme de skate, pública, situada no Parque Marinha do Brasil, com um número expressivo de praticantes. Comecei a frequentar o Parque e logo me enturmei. Esse tipo de modalidade que sempre me atraiu, o *street*, é feita na rua; a rua, como disse, esse lugar que sempre esteve presente na minha vida desde a infância.

O *street*, portanto, não depende de pistas, é feito partir do que a rua oferece. As pistas de skate, muitas delas, são pagas, e na época não havia *skate parks* desse tipo na cidade. A pista clássica do Marinha, grande, longa, com paredes irregulares, e um formato estranho, incomum, lá frequentavam também os que tinham interesse pelo *street*. Ela, posso dizer, era na rua, por ser aberta, e atraía poucos praticantes que levavam o skate a sério, porque, como disse, tinha um formato estranho em relação aos formatos em que ocorrem campeonatos. Nos reuníamos na pista, a usávamos e depois andávamos por Porto Alegre, ou seja, a pista do Marinha era mais um elemento da cidade que experimentávamos. Eu costumava a ir para lá no fim de semana. O fim de semana era fundamental, haja vista que a cidade na época, praticamente, parava nos sábados e domingos; assim, ela era nossa.

Breve história do skate

Surge principalmente na Califórnia nos anos 70. Surfistas que só podiam surfar pela manhã, pela natureza das ondas, começam a usar o skate para fazer manobras parecidas com as do surf. O skate era muito rudimentar, feito, em parte, pelas próprias mãos a partir de peças de patins e pedaços de madeiras. Com uma certa popularidade começam a aparecer marcas, que fabricam skates de qualidade e patrocinam campeonatos.

Um momento importante foi quando se nota que as piscinas das casas na Califórnia tinham formato parecido com o de ondas. Devido as secas na região, as piscinas ficavam vazias e elas tinham esse formato diferente por questões estruturais. Os skatistas começam a usá-las, criando manobras que impõe uma evolução radical no esporte. Tempo depois, a forma arredondada é copiada se atualizando na modalidade mais famosa, o vertical. Ou seja,

as piscinas desativas são usadas de um jeito diferente, a inventividade que sempre motivou a prática.

Nesse cenário californiano surgem três figuras chaves: Jay Adams, Tony Alva e Stacy Peralta. Alva foi o grande astro da época, criou e aperfeiçoou manobras. Peralta, montou a marca mais importante até os dias de hoje. Jay Adams foi o skatista carismático, ícone do skate como cultura marginal. Ou seja: a invenção das manobras; a marca (empresa) que produz skates e patrocina atletas; e o espírito *outsider*. Esses três elementos, são o que sempre moveu o skate, que não é apenas um esporte comercial, mas um estilo de vida.

No Brasil, o skate tem uma forte expressão nos anos 80, com revistas, campeonatos, skatistas inventivos, pistas e a vinda dos astros norte-americanos para o país. O núcleo do esporte, na época, era situado em São Paulo. No Rio Grande do Sul, além da capital, uma cidade era central, Novo Hamburgo, a qual tinha uma importante pista. Na era Collor, muitas revistas, marcas e pistas, devido à crise econômica, vão à falência. Porém, a partir de meados dos anos 90 o skate volta a crescer. O Brasil é muito importante no cenário mundial nos dias de hoje pela figura de Bob Burnquist, skatista brasileiro que levou o skate a um novo patamar.

Espaços em Porto Alegre para a prática do skate nos anos 90

Quanto ao *street* não se necessita de muito para praticá-lo. Um chão liso é um começo. Nele há a possibilidade de inúmeras manobras, como a mais básica, o *ollie*, um impulso que faz com que o skate e o skatista voem desde o chão. Também um banco, uma escada, uma parede, um corrimão, uma rampa feita com as próprias mãos são importantes obstáculos que permitem inúmeras manobras. Se desejávamos nos anos 90 usar todas essas possibilidades tínhamos que percorrer a cidade; não havia um local com todos os obstáculos reunidos.

A principal praça do centro de Porto Alegre, a Praça da Matriz, tinha uma escada, um banco e algumas paredes. Normalmente, acabávamos a seção do dia nela, já que, como era no centro, havia ônibus que levavam para todos os bairros da cidade. O Marinha também contava com uma pista *flat* de patins. Como o piso era liso, quando a turma dos patins não estava a usando, nós praticávamos manobras de solo. No bairro Azenha havia um terminal de ônibus com, também, chão liso e alguns degraus que permitiam certas manobras, mas o mais importante é que era uma grande área coberta, então, íamos para lá quando chovia. Os estacionamento dos supermercados eram convidativos. Dois supermercados reuniam muitos

streeteiros: um Nacional no Menino Deus e o Dino Sul na Tristeza. Já que ao lado do Menino Deus ficava a pista do Marinha, costumávamos peregrinar pelas ruas desse bairro. O centro cultural Lupicínio Rodriguez, também, no Menino Deus contava com longas escadarias que pulávamos. A calçada da rua Borges de Medeiros, situada em uma lomba, permitia que a descemos em alta velocidade. O calçadão da rua dos Andradas nos fins de semana era também muito convidativo. Além disso, cidades próximas de Porto Alegre, como Canoas, Esteio, Novo Hamburgo, apresentavam uma cena própria referente ao skate; eram locais de fácil acesso já que o metro levava até elas rapidamente.

Eu tinha catorze anos quando comecei a usar todos esses pontos da cidade, tanto de dia quanto de noite. Para mim sempre foi seguro. Claro que a turma era grande, e ninguém se metia com nós; porém, sempre voltava sozinho para casa, pois era o único que morava na zona sul. Voltava de ônibus, de noite, e isso era algo rotineiro. Muitas vezes chegava em casa à meia noite, quando o dia estava com temperatura agradável e toda a turma estava reunida.

Uma crônica pessoal sobre skate

Narro, em tom de crônica, como usávamos em um dia comum alguns espaços referidos acima. Era um domingo de sol, mas não muito quente. Cheguei no meio da tarde no Marinha; após o almoço, pois todos almoçavam em casa, já que ninguém tinha dinheiro para comer na rua. Lá já estava toda a turma reunida. Alguns andavam na pista, outras conversavam em grupo, outros fumavam maconha. Eu tinha 14 anos, meus amigos eram um pouco mais velhos. Não éramos donos da pista, mas éramos locais, bem aceitos e vistos. Eu já conseguia fazer algumas manobras difíceis; mas não havia desejo de me tornar um grande skatista. Da turma, uns três viraram esportistas que competiam. Mas parecia que todo mundo só queria curtir o domingo, fazer as manobras, evoluir um pouco.

Descemos até a pista de patins; ela estava vazia. A pista assim era nossa. O chão liso e *flat* permitia manobras de solo. Pegamos alguns engradados de madeira e colocamos no meio da pista – era um obstáculo a ser pulado. Fizemos uma fila, cada um repetia por vez a mesma manobra, as vezes com variações. Ou seja, era algo livre, mas um pouco metódico. A repetição nos treinos de outros esportes não diferia muito. Também, no entorno da pista ficavam alguns bancos em cima de um chão liso, o que era convidativo para *slides*: deslizar o corpo do skate na borda dos bancos. Essa pista era tão importante que aconteceram campeonatos nela, com obstáculos como rampas, palcos, corrimãos. Além dessa função da pista, nós gostávamos de ficar olhando as garotas andando de patins.

As nossas roupas eram de marcas do esporte. Não eram grandes marcas, mas sim, marcas pequenas, nacionais, boa parte criadas por skatistas. Como o Marinha era um espaço livre, aberto, gratuito, o pessoal que o frequentava em maior parte era de classe média baixa. Meus melhores amigos eram pobres, mas se vestiam melhor do que eu, pois trabalhavam, como *office boys* e estagiários. Não haviam garotas, nem que andavam, nem que iam para lá nos ver andar, algo diferente dos dias de hoje.

Decidimos ir até um lugar que tinha uma escada e um corrimão, próximo umas oito quadras do Marinha, na parte da frente do edifício de uma instituição Estatal. O corrimão ladeava a escada de cinco degraus; a manobra consistia em descer pelo corrimão do alto da escada. O grande perigo era de cair com as pernas abertas em cima do corrimão. Mais uma hora treinando, talvez mais de uma hora, porque o tempo não importava para nós, já que a prática era prazerosa. Também, umas duas quadras em direção do centro, um outro prédio Estatal contava com uma escadaria gigantesca que alguns de nós tinham coragem de pular.

Esses espaços que durante a semana tinham fluxo contínuo de pessoas, em nosso domingo estavam vazios. Não havia nem seguranças que nos impedissem. Quando a gente cansava sentava na calçada e fumava cigarros. Éramos todos companheiros. Nos víamos mais no final de semana. Subimos em direção à rua Borges de Medeiros. O comércio estava fechado. A Borges permitia uma descida em alta velocidade e manobras de chão, slides. As manobras mais clássicas. As quais eu apreendi a andar de skate. Slides é, a partir de uma boa velocidade, deslizar com as rodas em um sentido de 90 graus, ou seja, o skate fica de lado em vez de frente e desliza pelo solo. Mas também é possível variações, como um deslize de 180 graus ficando de costas para a descida ou um giro de 360.

Depois fomos para a Matriz. Tinha mais gente. Alguns skatistas melhores, mas nos misturávamos bem em todos os ambientes. Lá tinha um banco, o deslizávamos em alta velocidade. A *trip* tinha começado no Marinha de tarde, já era de noite no centro da cidade. Fiz uma manobra perigosa no banco; caí em cima de uma mureta, de queixo na quina dela. Senti o impacto, me levantei e percebi um corte imenso. Fiquei assustado pelo contínuo fluxo de sangue. Tirei a camiseta para estancá-lo. Estava meio tonto, meus amigos falavam comigo, mas eu não conseguia pensar direito. Peguei um táxi e fui para casa. Se eu tivesse ido a um hospital teria feito inúmeros pontos. Meus pais não estavam em casa. Meu irmão me fez um curativo. Naquela noite estava tendo uma festa na minha vizinhança. Eu comecei a beber e esqueci do corte pelo efeito do álcool.

Dias depois, comecei a ficar com medo de fazer manobras em bancos, algo comum, um trauma, que pode ocorrer após um acidente. Demorou um mês para voltar à ativa. Hoje,

vinte anos depois, tenho uma marca bem visível no rosto, meu queixo tem uma deformidade devido ao corte não tratado. Uma das relações principais do skate: o chão e o corpo. Não há como não se machucar no chão duro. Isso faz parte. Durante meu tempo como skatista quebrei várias vezes o tornozelo direito; quebrei dois dedos do pé, também direito, fazendo manobras sem tênis, e como não tratei, eles são tortos; quebrei meu punho e fiz uma cirurgia dolorosa. O skate deixa o corpo mais duro, menos sensível à dor

Os bandos de skatistas

Eu frequentava diversos grupos de skatistas. O meu grupo principal era uma turma com rapazes de diversos bairros de Porto Alegre que iam, principalmente, nos fins de semana no Marinha. Desse grupo, eu era o mais novo. Andava com eles por afinidade e porque tinha uma habilidade parecida. Havia outro grupo que era de meninos que moravam nas proximidades do Marinha. Eram da minha idade. Eu andava com eles, me misturava bem, mas eles não tinham o costume de sair do bairro e da pista. Também no Marinha, mais dois grupos eram formados por rapazes mais velhos; um grupo era de gente de classe média, outro, contava com um pessoal ligado a subculturas. Alguns deles eram bem conhecidos no meio. Todos estes grupos interagiam. No interior dos grupos ninguém os liderava. Os mais velhos, é claro, tinham mais habilidade, mas era normal todos andarem juntos no Marinha e na Matriz sem distinção. Posso falar que a relação entre todos era horizontal. Apenas uma outra turma, de skatistas que participavam de campeonatos, que as vezes estavam juntos de nós, quando eles andavam todos nós parávamos e ficávamos olhando.

As pistas e a cidade

A pista do Marinha era – é – um longo canal com formato de cobra, por isso chamada de *snake*. A pista tem um formato incomum. A cobra em ziguezague começa em uma parte alta e estreita e termina em uma grande bacia. Porém, não há trajetos definidos a seguir: pode-se ficar apenas na parte alta e fazer manobras de *street*; pode-se usar certos locais e usar como se fossem uma mini rampa; pode-se descer a cobra usando todas as paredes. A pista do Marinha por sua natureza, diferente das pistas mais usuais, pelo menos na minha época, não era capitalizada por campeonatos; ou seja, era marginal dentro do circuito do skate na cidade. Quem lá andava não se interessava pelo lado comercial do skate.

Os tipos mais comuns de pistas no skate são a de vertical e a de street. Esta última é uma imitação de elementos da cidade: corrimãos, escadas, trilhos, caixotes, bancos, rampas. É uma imitação em um espaço restrito. A pista de vertical é ainda mais restrita. Ela tem o formato de U, e suas paredes têm altura de mais de três metros e meio; nessa pista se pratica a modalidade mais famosa do skate.

Bob Burnquist, entretanto, transcendeu o vertical e criou uma *mega rampa*, que consiste em uma rampa inclinada de 8 andares na qual o skatista desce e após pula uma outra rampa sobre um enorme vão. O pulo direciona a outra rampa a qual o skatista desce e então sobe uma parede vertical e faz uma manobra final. A *mega rampa* é o extremo do skate como esporte radical; parecida com o *tow-in*, a modalidade mais perigosa do surf, que consiste em surfar ondas gigantescas, às vezes, em tempestades em alto mar. O vertical, junto com a *mega rampa*, são as modalidades que mais geram lucro.

Essas modalidades restritas a espaços delimitados é que são as mais capitalizadas e publicizadas. O *street* de rua também pode ser capturado pelo mercado, o que é permitido pelo uso de equipamentos de filmagem. Com esses equipamentos e ferramentas de divulgação em vídeo como *youtube*, seções de skate na rua podem ser gravadas e apresentadas. Porém, normalmente, elas contam com skatistas que correm campeonatos, ou seja, estão inseridos no mercado.

As modalidades de pistas mais comuns se parecem muito com os esportes tradicionais. O futebol, o basquete, o vôlei, são praticados em espaços com restrição de movimento: uma quadra, com uma trave, ou rede, ou cesta, que impõe uma posição aos jogadores. Sabe-se o que vai acontecer na quadra. No skate de pista acontece o mesmo. No skate de rua as manobras também são delimitadas, dizem respeito ao estado atual de manobras que são realizadas. Cada espaço de tempo tem suas manobras, que vão aos poucos evoluindo. A diferença do *street* é que a cidade é um espaço imenso comparado a uma quadra.

Para nós, não bastava a pista. Tínhamos a necessidade da cidade. Era comum de irmos até a pista mais famosa do Rio Grande do Sul na época, para andar nela; era em Novo Hamburgo. Porém, dedicávamos parte do dia para andar pela cidade. O motivo óbvio deveria ser ir até a pista e passar o máximo de tempo nela. Era a única do tipo próxima a Porto Alegre. Mas não nos contentávamos com o espaço fechado, tínhamos necessidade da rua, do ar livre. Nós inventávamos novos usos para as ruas e seus elementos. Talvez fosse esse grau de invenção que nos movia.

A cidade aberta e praticamente impossível de reconhecer todos seus espaços tem algo de aventura. O mais importante no *street* na cidade é a liberdade que ele permite. Um skatista paulistano famoso na cena oitentista, conhecido apenas como Glauco, chamava o pessoal do *street* de “vagabundos”, pois andavam em qualquer lugar, a qualquer hora, sem pagar, e sem se importar com o mercado, os patrocínios, os campeonatos. A casa do vagabundo é a cidade. O local do *streteiro* é a cidade. A fama de vagabundos dos skatistas se deve, também, ao fato de que normalmente não são bons alunos e curtem drogas.

Estar nas ruas é não estar em casa submetido às regras paternas; é não estar na sala de aula sob o olhar do professor; é não estar na quadra esportiva sendo dirigido pelo treinador. Estar nas ruas é estar livre, mesmo que exista a dor do lado negativo como a possibilidade de sofrer repressão da polícia ou encarar a violência, tanto de assaltantes, quanto de gangues. Ninguém fuma maconha numa *skatepark* fechada, que é um lugar regrado, para poucos, para os skatistas sérios. Muitos destes se drogam, não são bons alunos, passam o dia andando de skate; mas aqueles que estão nas ruas é que são os verdadeiros marginais.

A minha turma eu conheci na pista do Marinha, na rua. Eu comecei a frequentar todos os fins de semana. Aos poucos, fui me aproximando do pessoal. Eu apenas andava de skate com eles. Muitos eu sabia só o apelido. Não frequentava a casa deles e eles não frequentavam a minha. Sabia pouco deles. Mas andei com eles durante anos. Éramos amigos, confiávamos uns nos outros. Se havia alguma briga, nós nos defendíamos juntos. Quando parei de andar por uns anos, eu simplesmente me desliguei totalmente da turma. É comum o pai perguntar: com quem você está andando? Se me perguntasse eu não saberia a resposta. Havia ali um perigo, o perigo das ruas.

Um filme sobre skatistas

A questão do skate, da rua, da cidade, da marginalidade, do companheirismo, das drogas, dos perigos é muito bem retratada por Larry Clark, diretor estadunidense, no filme *Kids*, de 1994. O filme apresenta garotos e garotas de classe média baixa. No filme eles não vão para escola, os pais praticamente não aparecem. A maior parte das casas que eles frequentam não estão presentes os pais, então podem fazer o que quiserem. Eles frequentam uma praça. Lá se drogam e andam de skate.

O filme é muito violento; há uma cena em que um dos personagens está fazendo manobras de skate e tropeça em um rapaz negro. Este rapaz o encara e é bem rude. Os dois começam a discutir. Então, um dos amigos do skatista agride o outro rapaz pelas costas.

Depois disso, toda a turma que está na praça fecha uma roda e bate no rapaz. No fim, não se sabe se ele morreu o que seria bem provável.

Em *Kids* a aventura perigosa é constante. Além das brigas, há a questão da sexualidade no filme. Um dos rapazes que mais se interessa por sexo é portador de HIV e não sabe. Ele transa com muitas meninas e tem um fetiche: iniciar virgens. No filme, ele transa com duas virgens que possivelmente pegam a doença. Sexo, violência, drogas, skate, juventude, descontrole. O descontrole persegue essas experiências. Isso diz respeito a adolescência.

Por qual motivo tanto descontrole, tanta loucura, esse lado suicida, que não acontece em casa, mas sim nas ruas? Talvez seja, pois ficaram mais de uma década em casa, presos aos pais. É como se saíssem de uma prisão – a infância – e então enfrentassem, por vontade própria, às ruas, esse espaço cheio de prazeres e perigos – as ruas que são impedidas às crianças. E mais, o descontrole não se refere apenas à fuga da infância, mas também, à consciência de que a vida adulta está perto, outra prisão. A vida adulta do trabalho, do casamento, dos filhos, da dita maturidade. É como se soubessem que serão presos com data marcada e fizessem a festa antes de serem enclausurados. Sem romantismo e idealização quanto aos jovens, muitos deles, a maior parte vive numa prisão: do fascismo de gangues, da mentalidade fechada e reacionária em relação a minorias, do consumismo, de uma vida imposta desde cima. Mas mesmo os que estão presos, experimentam a liberdade, aqui no caso a partir do skate de rua.

A maconha e a cidade

O uso da maconha é comum entre surfistas e skatistas. Entre os surfistas porque tem uma relação com a natureza, é uma erva natural. Quanto aos skatistas talvez eles tenham herdado do surf o uso da maconha. Não é incomum de esportistas se drogarem, mas há uma visão de que eles são pessoas saudáveis e que seria um contrassenso a adição a certos tipos de substâncias.

Uma aproximação importante entre o skate e a maconha é a relação com os espaços dentro da cidade. A maconha se usa na rua, no caso dos adolescentes, pela impossibilidade de se fumar em casa devido ao cheiro forte. Também, há a necessidade de se ficar na rua um bom tempo depois de fumar, por causa do cheiro impregnado no corpo e roupas. Mas a rua não é uma questão secundária, o maconheiro escolhe certos espaços que sejam seguros, que não tenham movimento de pessoas e nem policiamento. Com esses lugares há toda uma

afetividade envolvida, normalmente, são lugares com um bom astral para se ficar chapado, que se deseja estar.

Os espaços usados pelos maconheiros nos anos 90 em Porto Alegre eram inúmeros. Talvez o ponto mais famoso da cidade na época fosse o *fumódromo* junto à Rua Oswaldo Aranha. Era uma parte ampla de um parque, o Farroupilha, em que os frequentadores dos bares da Rua se reuniam para fumar maconha. Lá tudo era escuro, facilmente se via quem entrava no local e a polícia nunca dava batidas.

Outros dois pontos eram a praia do Gasômetro e o Timbuka. Este um famoso bar na zona sul, situado junto ao Rio, em um bairro de classe alta. Fazem alguns anos que o bar fechou, mas nos anos 90 era um ponto essencial, que reunia uma multidão de jovens que lá iam para fumar maconha e beber. Quanto à praia do centro cultural Gasômetro, no fim da tarde ela ficava cheia de maconheiros que buscavam o astral permitido pelo pôr do sol. Também, a praia de Ipanema nos anos noventa era um ponto agitado de noite. Na areia, o pessoal se encontrava e fumava à vontade. Interessante que esses três espaços – Gasômetro, Timbuka e a Praia de Ipanema – ficavam, como disse, junto ao Rio Guaíba; um rio morto devido à poluição, mas que dava um ar, um algo de natureza, essencial na *vibe* do maconheiro. Talvez a água lembre a praia, o mar do surfista, o tipo de esportista mais propenso ao uso da maconha.

Outro tipo de espaço usado pelos maconheiros são as praças. As praças do centro de Porto Alegre são os melhores lugares nessa região, pois elas têm pouco fluxo de pessoas e sempre há algo de verde nas praças, como árvores e canteiros, o que ajuda na *vibe*. No centro é impossível fumar na rua, o espaço é a praça. As mais próximas de cursinhos supletivos ou pré-vestibulares nos anos 90 eram as mais buscadas. Eram seguras, não havia policiamento, mesmo que as turmas não fossem silenciosas.

Como disse, se busca um lugar que se tenha uma afetividade, que não “corte o barato”. Isso é próximo do que acontece com os skatistas, que buscam um lugar prazeroso, que se deseja estar. Espaços diferentes da sala de aula, da sala da casa, do ônibus cheio, dos locais privatizados. A relação afetiva com a cidade do maconheiro, portanto, é parecida com a afecção do skatista. E isso se mistura porque quem anda de skate fuma maconha.

O devir-nômade do skatista

Nesta seção final relaciono o estilo de vida do skatista do *street* com alguns conceitos de Deleuze e Guattari. Após pensar muito sobre esse estilo, percebi que os autores permitem

a tomada de consistência da percepção do skate como produção biopolítica, ou seja, ação política dentro da cidade.

Em uma das partes de *Mil Platôs* (2005b) de Deleuze e Guattari é dedicado um capítulo para os nômades e seu espaço liso e os sedentários e seu espaço estriado. Os nômades são os criadores da máquina de guerra que se insurge contra o Estado. O nômade ocupa um espaço liso, aberto, não tem direções fixas entre dois pontos, elas variam, ele se move entre os pontos, está sempre no meio. O sedentário é organizado a partir das estrias, da segmentação dura, de um espaço fechado, com pontos específicos para os sujeitos.

Como é resumido em *Diálogos* (DELEUZE; PARNET, 1998), os nômades vivem nas estepes entre os impérios e as florestas. Os nômades não têm uma história, apenas devires, que atravessam os estratos. Contrastam com a história a geografia, a cartografia, o rizoma, conceitos centrais na obra de Deleuze e Guattari como também em minha tese de doutorado (CARVALHO, 2016). “Os nômades não têm nem passado nem futuro, têm apenas devires, devirmulher, devir-animal, devir-cavalo: sua extraordinária arte animalista. Os nômades não têm história, têm apenas a geografia.” (DELEUZE; PARNET, p. 26)

Sobre o devir, conceito que atravessa a obra de Deleuze e Guattari e é apresentado também em outra parte de *Mil Platôs* (2005a), ele se refere a uma experimentação a partir de um termo minoritário. O devir é um fluxo anti-identitário, que coloca em jogo elementos estranhos em núpcias demoníacas. O homem não se torna uma mulher em um devir mulher do homem, mas experimenta algo da feminilidade. Os nômades podem ser reterritorializados no espaço estriado dos impérios, como os sedentários podem ser atingidos por linhas de fugas e fugir para o espaço liso, como podem, também, estes experimentar um devir nômade.

Quanto a cartografia, o rizoma, vistos acima, eles são muito diferentes da arborescência, com suas raízes profundas, seus pontos delimitados, seu início e fim, não se referem ao sujeito histórico, em estado de evolução. “Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. ” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 37). O rizoma é o mapa não o decalque, não é a reprodução, mas a experimentação:

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação. (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 22).

Esses conceitos, nomadismo, espaço liso, cartografia, rizoma, mapa, devir, ajudam a pensar o objeto deste texto: os skatistas do *street*. Os skatistas não são nômades, obviamente,

eles são sedentários, são cidadãos, mas no ato de andar de skate eles experimentam algo que diz respeito aos nômades, um devir-nômade. Eles não são os nômades que a partir de sua máquina de guerra conjuram e destroem a forma Estado; mas eles experimentam o nomadismo que resiste à forma dominante da cidade.

Eles – os *streetiros* – criam um mapa da cidade, que conecta pontos diversos, montam caminhos de naturezas muito diferentes dos trajetos dos sedentários. Os caminhos dos skatistas como os dos nômades se realizam sempre no meio, não há um início nem um fim, pontos fixos. A cidade é um espaço estriado, tenta-se a controlar em sua completude, mas nos usos do skate se cria um espaço liso. Ou seja, os sedentários se desterritorializam na prática do skate e ao mesmo tempo desterritorializam a cidade.

A rua, esse lugar opressivo, organizado, endurecido, estriado, se torna outra coisa para o skatista, vira um lugar afetivo. Descer uma ladeira de asfalto, uma longa rua, entre os carros, numa “*vibe* meio suicida”. A calçada nas quais passam as pessoas apressadas, cabisbaixas, se empurrando, pode ser um espaço para se passar a tarde inteira fazendo manobras, o que dá um prazer enorme. Uma escada que mal é percebida, um corrimão que nem é usado, uma parede que nem esteticamente se dá valor, são ressignificados. Mesmo quanto ao piso, o skatista tem uma percepção capilar, pois qualquer alteração facilita ou impede de andar. Quem caminha pelos pisos notam-nos apenas se tiver uma mudança expressiva. Para o skatista é extremamente prazeroso encontrar um bom piso, ou seja, uma afetividade com o concreto, o asfalto. É estranho alguém dizer: “tenho um afeto quanto ao piso dessa calçada”; mas não é estranho para o skatista.

O afeto é uma questão fundamental no skate; além dos espaços, há o afeto dos companheiros; a liberdade em relação as disciplinas, de ser vagabundo; o devir vagabundo. Isso é o uso diferencial, a ressignificação, a biopotência do skate. Claro que qualquer sedentário faz suas linhas de fuga, tem uma afetividade com pontos da cidade, faz seus mapas, mas para o skatista isso é fundamental, é o que o move.

A cidade do *street* é uma cidade em movimento, um mapa, que não é historicizada, pois o skatista não deixa marcas, registros dos seus usos, que são devires, acontecimentos. Se há uma história, ela é contada por alguns jornalistas ou cineastas, como Larry Clark. Mas a historicização do skate é feita pelo seu lado comercial; e como já afirmei: nosso estilo de vida não era para ser capitalizado.

O skate de rua, que é uma forma de vida, não é capturado como os grandes nomes do skate que desfilam nas revistas, nos campeonatos, que fazem história. Sim, suas manobras são imitadas, e eles são sempre valorizados, mas não queríamos ser eles, só fazer algumas

manobras e curtir a cidade. Talvez fosse mais uma tomada da cidade do que fazer skate, pelo nosso estilo de vida.

Há, portanto, o skate que se historiciza e o skate em devir, imperceptível. Éramos imperceptíveis para o mundo do skate capitalizado; imperceptíveis como quer ficar o maconheiro, como quer ficar o adolescente em relação aos seus pais sobre seus segredos. Não tínhamos obrigações com ninguém, apenas entre nós: ser da turma. Não tínhamos horários, apenas momentos. Isso muito diferente das obrigações de um skatista que corre campeonatos, que tem um patrocinador.

Porém, o skatista patrocinado, mesmo profissional, curte também a cidade, faz sua experimentação do devir nômade. Ele não anda de skate apenas como uma prática capitalizada, anda também por prazer, como os vagabundos da rua. O skate nos 80 não dava dinheiro no Brasil, então havia uma confusão entre o *skater* de rua e o atleta, uma mistura de papéis; era uma fase romântica do skate, o skatista marginal e rebelde.

Consideração finais

A cidade de Porto Alegre mesmo com suas peculiaridades não difere de outras cidades de médio porte: tem um fluxo enorme de carros, o que torna o trânsito algo opressor, é um lugar controlado pelo governo o qual tenta impedir ações como manifestações e ocupações; além disso, sofre um processo de urbanização que coloca ainda mais na periferia os pobres, ou seja, se busca uma rica cidade em favor das classes dominantes.

Como as outras cidades, o poder não é absoluto, são criadas linhas de fuga no tecido urbano, como manifestações e ocupações, isso diz respeito a política dos movimentos sociais. O skate é uma questão não apenas existencial dentro da cidade é também política, biopolítica. Este conceito trabalhado principalmente, por Negri e Hardt (2005, 2006) diz respeito à riqueza da produção dos grupos e sujeitos sujeitados.

Os favelados constroem a cidade; os negros, gays, mulheres colorem o mundo apenas por serem quem são. Os skatistas vagabundos inventam mapas dentro da cidade, são cartógrafos. A cidade não seria tão colorida sem esses jovens sem muito na cabeça. Portanto, não há grandes diferenças entre o skate, uma ocupação e uma manifestação, considerando a ocupação e a manifestação como um fim em si mesmo, deixando de lado as demandas que as acompanham. A manifestação, a ocupação e o skate de rua mudam a estrutura urbana, criam um espaço não estriado; uma forma de resistência ao modelo de cidade.

Expus neste texto um caso específico, localizado: minhas turmas na década de 90 em Porto Alegre, as quais tinham como ponto em comum, principal, o Parque Marinha do Brasil, núcleo dessa subcultura na época. Mas tendo conhecimento da prática também por mídias diversas, como filmes de ficção, documentários, revistas, sei que o uso da cidade por outros skatistas, em regiões e épocas diferentes, é semelhante.

Referências

CARVALHO, D. *Devir revolucionário da multidão: cartografia dos movimentos 15M e Okupa*. Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, PPGCOM, São Leopoldo, RS, 2016

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2004. v. 1.

_____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34. 2005a. V.4

_____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34. 2005b. v. 5.

DELEUZE, G.; PARNET, C. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998

HARDT, M; NEGRI, T. *Multidão*. Rio de janeiro: Record, 2005.

HARDT, M; NEGRI, T. *Império*, Rio de janeiro: Record, 2006.